

ESTUDO DO LIVRO DE HABACUQUE

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

A mensagem de Habacuque lembra o Livro de Jó por tratar de um problema parecido: como explicar o sofrimento dos justos? No caso do Livro de Habacuque, o profeta começou com a injustiça e violência dominantes na sua própria nação. Ele clamou a Deus pedindo justiça para proteger as vítimas inocentes (Habacuque 1:2-4).

No entanto, a resposta de Deus assustou o profeta. Deus disse, basicamente, que Habacuque tinha razão. Deus estava de fato vendo essas injustiças e já estava trazendo os babilônios para castigar o povo rebelde. Essa não foi esta a resposta que Habacuque esperava, pois considerava seu povo de Judá menos ruim que a Babilônia. Habacuque fez uma segunda série de perguntas ao Senhor, perguntando como ele poderia usar uma nação tão má como a Babilônia para julgar seu povo. Disse que Deus estaria se calando e deixando os perversos devorarem “aqueles que são mais justos do que eles” (Habacuque 1:13).

Na resposta divina, o Senhor ressaltou dois fatos importantes de contraste entre atitudes de pessoas: primeiramente, “o justo viverá pela sua fé” (Habacuque 2:4), um princípio citado múltiplas vezes no Novo Testamento. Em seguida, “Assim como o vinho é enganoso, também o arrogante não se contém” (Habacuque 2:5). Nessa resposta, Deus citou a soberba da Babilônia, uma vez que ela confiava nos seus ídolos e no seu poder militar. Deus disse que traria a justiça contra essa nação também.

Nota-se mais um fato fundamental no final do capítulo 2: Deus está no controle. “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Habacuque 2:20). Habacuque aprendeu essa lição importante e se calou esperando a justiça divina. Sua inquietação e angústia foram substituídas pela confiança e fé: “Deus, o SENHOR, é a minha fortaleza” (Habacuque 3:19).

O Livro de Habacuque basicamente se divide em três partes principais. O capítulo 1 apresenta o questionamento da parte do profeta, procurando entender o procedimento de Deus em relação aos homens injustos e suas vítimas. O capítulo 2 é a resposta principal de Deus, mostrando que ele é capaz de castigar os rebeldes de Judá e ainda trazer a justiça contra seu próprio instrumento de castigo, a Babilônia. O capítulo 3 mostra a aceitação dessa resposta pelo profeta, sendo que Habacuque reafirmou sua confiança no soberano Deus.

1.1. AUTORIA

O autor, Habacuque, é um desconhecido para os leitores de hoje, exceto pelas poucas informações que podemos colher do próprio livro. O nome do profeta aparece no título do livro em Habacuque 1:1 e, em Habacuque 3:1, como um título do canto/salmo. Apesar disso, muitos estudiosos questionam se Habacuque escreveu o livro inteiro ou, mais exatamente, se o salmo do capítulo 3 foi composto pela mesma pessoa que escreveu os capítulos 1 e 2. É interessante que o *peshet* de Habacuque (*peshet* é um antigo comentário judaico sobre um livro bíblico) encontrado entre os rolos do Mar Morto contém apenas o texto de Habacuque capítulos 1 e 2. Esse comentário data do século 1 a.C. Porém, talvez pelo capítulo 3 se tratar de um salmo musical de louvor, o *peshet* não o tenha abordado.

Entretanto, outros manuscritos antigos apoiam a unidade de Habacuque. O “rolo dos profetas menores” do Wadi Murabba’at (no deserto da Judeia), datado do século 2 d.C., contém os três capítulos de Habacuque, assim como o antigo texto profético, chamado “rolo grego dos profetas menores”, de Nahal Hever, do século 1 d.C. À luz dessa evidência e do fato de que o livro declara que Habacuque escreveu os três capítulos, não há razões suficientes para questionar a autoria única do texto.

Habacuque é, provavelmente, um nome babilônico (Chäbaqqûq) referente a uma planta ornamental. O nome significa “abraço” ou “abraçar o entendimento”. Há referências a Habacuque no texto apócrifo “A Estátua de Bel/O Dragão” e na tradição judaica, mas elas não parecem ter valor histórico. O texto de “Bel e o Dragão” é lendário e, nele, Habacuque atendeu à necessidade de Daniel na cova dos leões. As referências musicais do capítulo 3 levam alguns a acreditar que o profeta era membro de um grupo de levitas músicos, porém até mesmo isso é incerto.

1.2. DESTINATÁRIOS

O Livro de Habacuque, apresentado como um diálogo entre Deus e o profeta, foi escrito para benefício do povo de Judá. Habacuque estava preocupado com a idolatria da nação, com a indiferença do povo para Deus, com a injustiça social, e queria saber por quanto tempo Deus “ignoraria” a maldade descarada de seu povo. Deus respondeu ao profeta revelando que seu juízo seria executado pelas mãos dos babilônios.

1.3. PROPÓSITOS

O Livro de Habacuque tem duas seções bem definidas: um segmento em que o profeta busca e recebe respostas de Deus com respeito a algumas perguntas difíceis (capítulos 1 e 2), seguido por um salmo de louvor (capítulo 3). À semelhança de Jó, o autor questionou a justiça do Senhor, porém o fez com a maior reverência.

Em Habacuque 1:3, o profeta perguntou como Deus podia tolerar a injustiça, referindo-se à indiferença da nação de Judá em relação à Lei de Moisés (Habacuque 1:4), e em Habacuque 1:6 registrou a resposta de Deus: ele castigará seu povo por meio dos babilônios. Essa resposta deixou Habacuque ainda mais perplexo: como pode um Deus justo usar os babilônios, um povo pior do que Judá, para castigar o povo escolhido? Habacuque disse que a nação dos babilônios é pagã e cruel e que, por algum motivo, parecia nunca sofrer por essa razão (Habacuque 1:16-17). Deus assegurou a seu profeta que aqueles que saqueiam muitas nações acabarão sendo saqueados (Habacuque 2:8). Em seguida, passou a relacionar as aflições que sobrevirão a todos aqueles que praticam o mal (Habacuque 2:9-20). O canto/salmo de oração de Habacuque (Habacuque 3) foi sua resposta a essa revelação. Em resumo, o livro é uma defesa da justiça de Deus e um chamado aos fiéis para que mantenham sua fé, mesmo nos tempos mais difíceis (Habacuque 2:4).

A passagem mais conhecida do livro está em Habacuque 2:4, “o justo viverá pela sua fé”, não apenas por ser o coração da resposta do Senhor ao profeta, mas porque, no Novo Testamento, a sua verdade é crucial para a justificação por meio da fé. Outra passagem famosa está em Habacuque 2:20: “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.”

Entre todos os escritos proféticos, Habacuque tem a característica especial de não conter nenhuma sentença ou oráculo dirigido diretamente a Israel. É, em suma, um diálogo entre o profeta e Deus, um relato sincero e autêntico de dialogar com a divindade que não é um mero fragmento de um diário pessoal que, de alguma maneira, chegou ao domínio público. Foi propositalmente escrito para os fiéis de todas as épocas e, certamente, representava a voz e o clamor dos piedosos de Judá, os quais se esforçavam para compreender a lógica e os caminhos do Senhor em meio à aflição, dor e medo. A resposta de Deus, portanto, serve bem a todos aqueles que compartilham das dúvidas e receios que perturbavam a alma de Habacuque. A confissão desse homem de Deus passou a ser expressão pública, como bem revelam sua oração e confissão no capítulo 3.

Habacuque aceitou, humildemente, a réplica do Senhor, dando louvor a ele em um cântico de adoração. Ele fez a pergunta que muitos gostariam de fazer, mas recebeu a resposta com a atitude que todos deveriam mostrar.

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

A profecia sobre a iminente invasão dos exércitos babilônicos (Habacuque 1:6) revelou que Habacuque morava em Judá perto do fim do reinado de Josias (640 a 609 a.C.) ou no início do rei Jeoaquim (609 a 598 a.C.). Essa predição é tradicionalmente datada um pouco antes ou depois da batalha de Carquemis (605 a.C.), quando as forças egípcias, as quais haviam partido em socorro ao último imperador assírio, foram totalmente exterminadas pelos babilônios comandados por Nabopolassar e Nabucodonosor, sendo perseguidas até os limites do próprio Egito (Jeremias 46). Assim, é provável que o ministério profético de Habacuque tenha acontecido pouco antes da primeira invasão de Judá por Nabucodonosor entre 606 e 605 a.C., período no qual Daniel e outros jovens israelitas foram levados cativos para a Babilônia. Os mais renomados biblistas atuais concordam em datar a primeira publicação do Livro de Habacuque em 607 a.C. O profeta, assim como Jeremias, deve ter vivido para ver o cumprimento inicial das profecias quando Jerusalém foi atacada pelos babilônios em 597 a.C.

Habacuque provavelmente profetizou nos últimos anos antes da invasão de Jerusalém pelas forças da Babilônia, um acontecimento que levou à destruição da cidade e do templo 20 anos depois. Foi exatamente nessa época que começou o período de 70 anos em que a nação de Judá foi dominada pelo império da Babilônia. Durante esse mesmo tempo, boa parte dos sobreviventes de Judá foi mantida em colônias de cativos na Babilônia, longe da sua própria terra.

É interessante que o rei Jeoaquim foi descrito pelo profeta Jeremias, em Jeremias 22:17, com as seguintes palavras: “Mas os seus olhos e o seu coração estão voltados somente para a ganância, para derramar sangue inocente e para levar a efeito a violência e a extorsão.” Isso pode estar relacionado com a injustiça mencionada pelo profeta Habacuque (Habacuque 1:2-4).

1.5. CURIOSIDADES

- Habacuque é, provavelmente, um nome babilônio referente a uma planta ornamental;
- A madeira dos cedros do Líbano, apreciada durante séculos, tinha sido confiscada pelos reis da Assíria e, muito provavelmente, pelos reis da Babilônia, para adornar seus templos e palácios. Inscrições assírias registram expedições de busca no território do Líbano, e é bem provável que os invasores babilônios tenham feito a mesma coisa (Habacuque 2:17);
- Os escritores do Antigo Testamento combinavam lembranças dos atos poderosos de Deus com imagens de alguma manifestação espantosa de seu poder. Ele foi descrito como alguém que usa uma tempestade como carruagem, que dispara flechas para todas as direções, que causa torrentes de água a passarem por montes contorcidos e pela terra, e que faz montanhas tremerem diante dele (Habacuque 3);
- A “praga” (Habacuque 3:5) é um dos elementos dos característicos castigos divinos: espada, fome, feras e praga.

1.6. TEMAS

O Livro de Habacuque inclui os seguintes temas:

- **Justiça:** Habacuque afirmou que Deus é santo e justo (Habacuque 1:12-13; 3:3), jamais indiferente ao pecado e à injustiça. Ele castigará o mal (Habacuque 1:5-11; 2:2-20) e, na realidade, já fixou para isso um “tempo determinado” (Habacuque 2:3) para revelar sua justiça e seu juízo sobre o mal babilônico. Habacuque advertiu os fiéis de todas as gerações que nenhuma situação deve ser interpretada como o verdadeiro e último estado das coisas. O justo talvez tenha que esperar por sua defesa, mas ela certamente virá;
- **Fé:** a fé é necessária para suportar a injustiça (Habacuque 2:4). O povo de Deus deve esperar com paciência sua libertação até mesmo quando a vida parecer confusa, confiando que Deus agirá com justiça (Habacuque 2:3). O justo viverá por fé (Habacuque 2:4), e não pelo que parece ser a realidade (Habacuque 1:4), conforme Hebreus 11:1: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem.” Abraão também esperou pacientemente até Deus cumprir sua promessa, conforme Hebreus 6:13-15: “Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: ‘Certamente eu o abençoarei e multiplicarei os seus descendentes.’ E assim, depois de esperar com paciência, Abraão obteve a promessa.” Da mesma forma como Habacuque e o remanescente fiel esperaram a resposta de Deus com um ato de justiça (Habacuque 2:3; 3:16), os fiéis de todas as gerações devem esperar com fé em Deus, até que ele cumpra seus propósitos, conforme Romanos 1:17, “Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: ‘O justo viverá por fé’”, e Romanos 5:1-2, “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual obtivemos também acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.”

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- A primeira série de perguntas de Habacuque (Habacuque 1:1-4);
- A primeira resposta de Deus (Habacuque 1:5-11);
- A segunda série de perguntas de Habacuque (Habacuque 1:12-2:1);
- A segunda resposta de Deus (Habacuque 2:2-20);
- A oração em forma de salmo de Habacuque (Habacuque 3).

2. ESTUDO DO LIVRO DE HABACUQUE

As citações são da Bíblia versão Nova Almeida Atualizada.

A PRIMEIRA SÉRIE DE PERGUNTAS DE HABACUQUE

Habacuque 1:1-4: “[1:1] *Sentença revelada ao profeta Habacuque.* [1:2] *Até quando, SENHOR, clamarei pedindo ajuda, e tu não me ouvirás? Até quando gritarei: ‘Violência!’, e tu não salvarás?* [1:3] *Por que me fazes ver a iniquidade? Por que toleras a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há litígios e surgem discórdias.* [1:4] *Por isso, a lei se afrouxa e a justiça nunca se manifesta. Porque os ímpios cercam os justos, e assim a justiça é torcida.*”

1:1 – Habacuque foi denominado profeta de Deus e seu nome está ligado a uma planta ornamental de jardim e à expressão babilônica “abraçar o entendimento” ou “abraço”. Nada se conhece da pessoa de Habacuque além do livro que leva seu nome. As referências lendárias a ele na tradição judaica e no apócrifo “A Estátua de Bel/O Dragão” não parecem ter valor histórico. As referências musicais do capítulo 3 levam alguns a acreditar que o profeta era membro de um grupo de levitas músicos, porém até mesmo isso é incerto.

O hebraico aqui traduzido como “*Sentença*”, em outras versões aparecendo como “oráculo” ou “advertência”, está relacionado a um verbo que significa “levantar”, “carregar”. O termo pode, então, incluir um significado relacionado a levantar a voz (gritar) ou carregar um fardo. Uma advertência como essa vinha quase sempre acompanhada de uma mensagem de destruição.

1:2 – Habacuque deu início à sua primeira série de perguntas ao Senhor. Ele começou seu livro com uma série delas: “*Até quando, SENHOR, clamarei pedindo ajuda, e tu não me ouvirás? Até quando gritarei: ‘Violência!’, e tu não salvarás?*” O profeta viu a violência de Jerusalém e a injustiça de seus líderes e não entendeu a aparente tolerância do Senhor em deixar isso impune.

É interessante que o livro iniciou com uma interrogação aflita e terminou com uma exclamação confiante, o que é evidenciado ao se comparar os textos de Habacuque 1:2, “*Até quando, SENHOR, clamarei pedindo ajuda, e tu não me ouvirás? Até quando gritarei: ‘Violência!’, e tu não salvarás?*”, e Habacuque 3:19, “*Deus, o SENHOR, é a minha fortaleza. Ele dá aos meus pés a ligeireza das corças, e me faz andar nas minhas alturas.*”

1:3 – O profeta continuou com mais uma pergunta: “*Por que me fazes ver a iniquidade? Por que toleras a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há litígios e surgem discórdias.*” Jerusalém estava cheia de iniquidade e a opressão era visível. Destruição, violência, discórdias e litígios eram bem visíveis na nação que deveria ser santa – afinal, era o povo escolhido de Deus. Por isso era difícil para Habacuque entender a razão de Deus aparentemente permitir tudo isso sem punição.

1:4 – Habacuque estava vendo a violência de Jerusalém e a injustiça de seus líderes, e não entendeu a aparente tolerância do Senhor. O grande enigma para esse profeta era o silêncio e a aparente inatividade e complacência de Deus, que é santo e justo, diante do pecado que campeava solto. Habacuque estava observando ao redor e percebeu que as atitudes pecaminosas desenfreadas do povo se espalhavam por todas as direções e classes

sociais. Por causa da impunidade, ele afirmou que *“a lei se afrouxa e a justiça nunca se manifesta. Porque os ímpios cercam os justos, e assim a justiça é torcida.”*

A mesma reclamação poderia ser feita hoje, bem expressa pela expressão *“Porque os ímpios cercam os justos, e assim a justiça é torcida.”* O profeta pediu justiça. Ele queria livramento divino para proteção dos inocentes e castigo contra os malfetores. Ele estava perplexo e arrasado em face da razão de Deus não derramar logo seu juízo de forma concreta e corretiva. À semelhança de Jó, o autor questionou a justiça do Senhor. Em Jó 19:7, está escrito: *“Eis que clamo: ‘Violência!’, mas não sou ouvido; grito: ‘Socorro!’, porém não há justiça.”*

A frustração do profeta com a injustiça mencionada em Habacuque 1:2-4 pode ter a ver com a iniquidade do rei Jeoaquim (2 Reis 23:34-37; Jeremias 22:17-19), ou simplesmente com o estado pecaminoso da nação em geral (Jeremias 6:7; 9:2-6), ou até mesmo com as duas coisas. A justiça estava pervertida porque os ricos controlavam os tribunais por meio do suborno (Miqueias 3:11; 7:3). Se Habacuque escreveu o livro na data em que os mais renomados biblistas atuais concordam entre si, em 607 a.C., então é bem provável que, por meio da influência de Jeoaquim, a nação de Judá mergulhou em iniquidade. Seu predecessor, Josias, foi um rei que fez a vontade do Senhor.

A PRIMEIRA RESPOSTA DE DEUS

Habacuque 1:5-6: *“{1:5} Olhem entre as nações e vejam; fiquem maravilhados e admirados. Porque, no tempo de vocês, eu realizo obra tal que vocês não acreditarão se alguém lhes contar. {1:6} Pois eis que trago os caldeus, nação cruel e impetuosa, que marcham pela largura da terra, para apoderar-se de moradas que não são suas.”*

1:5 – O Senhor Deus respondeu as amargas queixas de Habacuque. A expressão *“Olhem entre as nações e vejam; fiquem maravilhados e admirados. Porque, no tempo de vocês, eu realizo obra tal que vocês não acreditarão se alguém lhes contar”* denota um contexto de que algo incrível e inesperado estava para acontecer. De fato, o próprio profeta Habacuque esteve perplexo ao ouvir a resposta.

Essa expressão foi citada em Atos 13:41 por Paulo, quando usou as palavras do Livro de Habacuque para se referir à obra redentora do sacrifício de Jesus e alertar os ouvintes para que não fossem incrédulos, de forma que não se sucedesse entre eles um castigo divino como o castigo que iria ocorrer com o povo de Judá aqui em Habacuque 1:5. Em Atos 13:41, Paulo disse: *“Vejam, ó desprezadores! Fiquem maravilhados e desapareçam, porque, no tempo de vocês, eu realizo obra tal que vocês não acreditarão se alguém lhes contar.”*

1:6 – Deus concordou plenamente com a queixa de Habacuque de que o povo violento e injusto de Judá merecia o castigo, e de fato Deus o traria logo. Ele prometeu a justiça, mas o instrumento da ira divina seria o povo caldeu, ou seja, os babilônios – a superpotência da época. Os caldeus foram descritos como *“nação cruel e impetuosa, que marcham pela largura da terra.”* Era uma nação militarizada, poderosa e conquistadora. A expressão *“para apoderar-se de moradas que não são suas”* se refere aos anseios de domínio e de expansão territorial dos caldeus.

O império dos caldeus, ou Império Neobabilônico, era, para os israelitas, símbolo de violência e destruição. Deus respondeu a Habacuque que castigaria a nação apóstata de Judá com a invasão desse povo poderoso, o qual recuperou sua independência da Assíria em 626 a.C., extinguiu o poder assírio em 612-605 a.C., e prosperou até 539 a.C. Nesse contexto, o termo *“caldeus”* é sinônimo de *“babilônios”*.

Habacuque 1:7-11: *“{1:7} Eles são pavorosos e terríveis; fazem as suas próprias leis e impõem a sua dignidade. {1:8} Os seus cavalos são mais ligeiros do que os leopardos, mais ferozes do que os lobos ao anoitecer. Os seus cavaleiros se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe, voam como a águia que se precipita para devorar. {1:9} Eles todos vêm para fazer violência. Estão determinados a seguir em frente. Reúnem os cativos como se ajunta areia. {1:10} Zombam dos reis; os príncipes são motivo de riso para eles. Riem de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as conquistam. {1:11} Então passam como passa o vento e seguem adiante. Tornam-se culpados estes cujo deus é a própria força.”*

1:7 – Deus começou a descrever o povo forte e cruel que estava para vir trazer juízo sobre Judá. Disse que os caldeus são terríveis, pavorosos e faziam suas próprias leis, não respeitando a autoridade de ninguém mais. A expressão *“Eles são pavorosos e terríveis; fazem as suas próprias leis e impõem a sua dignidade”* ressalta que os babilônios

acreditavam ser tão poderosos que podiam criar suas próprias leis e preceitos acima de qualquer padrão moral, como se fossem deuses, e que eram capazes de impor suas regras com atitude soberba. Se essa descrição não deixa claro que o “direito” e a “dignidade” que os babilônios criavam eram bem questionáveis, Habacuque 1:9 arremata a questão, afirmando: *“Eles todos vêm para fazer violência.”*

1:8 – As descrições do Senhor contêm várias figuras de linguagem que descrevem o poder e crueldade dos babilônios para a nação de Judá temer. Aqui, Deus mencionou a velocidade dos cavalos dos exércitos babilônicos. Isso indica que a velocidade que a Babilônia tinha para se expandir e conquistar os inimigos tornou-se proverbial.

É interessante que os manuscritos hebraicos dizem *“lobos ao anoitecer”* e os manuscritos gregos dizem *“lobos do deserto”*. De qualquer forma, o contexto demonstra que os exércitos da Babilônia eram mais ferozes do que tais lobos, tão rápidos que foram comparados como sendo mais velozes do que leopardos e ágeis como águias que procuram obter alimento.

1:9 – Este é o propósito dos exércitos dos caldeus: fazer violência e subjugar. Eles estavam determinados a seguir adiante na guerra. A expressão *“Reúnem os cativos como se ajunta areia”* indica a capacidade que eles tinham para fazer inúmeros prisioneiros de nações conquistadas. Em suma, a Babilônia era a potência da época.

A crueldade dos babilônios era bem conhecida. Assim como os assírios, eles deportavam povos conquistados, sendo isso uma manobra política: quando uma cidade rebelde era derrotada, seus trabalhadores qualificados e soldados eram reassentados nas proximidades da região central da nação conquistadora, nas quais podiam ser controlados com mais facilidade. O restante da população geralmente era deixado sem recursos militares e econômicos para incitar uma revolta.

1:10 – O Império Neobabilônico era tão poderoso na época que podia tratar reis e príncipes de outras nações com desdém. A expressão *“Riem de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as conquistam”* mostra a ideia de que os exércitos não se deixavam intimidar com as muralhas de fortalezas, pois amontoavam terra para criar rampas feitas de barro de forma que os soldados pudessem passar por cima dos muros. Em 2 Samuel 20:15, Joabe e seus homens fizeram uso dessa tática: *“Joabe e os seus homens vieram e o cercaram em Abel-Bete-Maaca. E levantaram contra a cidade um montão da altura da muralha. E todo o povo que estava com Joabe batia na muralha para a derrubar.”* Era uma tática de cerco do mundo antigo.

1:11 – Os babilônios, ao passarem pelas defesas de seus adversários, *“passam como passa o vento e seguem adiante”*. Eles guerreiam e subjugam, indo para o próximo alvo, como um vento forte. Eles destruíam seus inimigos e adoravam seu próprio poder como se fosse um deus.

Quanto à expressão *“Tornam-se culpados estes cujo deus é a própria força”*, os babilônios eram tão orgulhosos de seu poder militar, confiando tanto nele, que seu exército se tornou, na prática, seu deus. Isso é uma forma de idolatria. As nações poderosas da época e seus reis, às vezes, confiavam demais em suas próprias forças. O profeta Isaías indicou o mesmo tipo de pensamento soberbo que estava na mente do rei da Assíria em Isaías 10:13: *“Porque o rei disse: ‘Eu fiz isso com o poder da minha mão e com a minha sabedoria, porque sou inteligente. Removi os limites dos povos, roubei os seus tesouros, e como valente abati os que se assentavam em tronos.’”*

A SEGUNDA SÉRIE DE PERGUNTAS DE HABACUQUE

Habacuque 1:12-17: *“{1:12} Não és tu desde a eternidade, ó SENHOR, meu Deus, ó meu Santo? Não morreremos. Ó SENHOR, puseste aquele povo para executar juízo; tu, ó Rocha, o estabeleceste para servir de disciplina. {1:13} Tu és tão puro de olhos, que não podes suportar o mal nem tolerar a opressão. Por que, então, toleras os traidores e te calas quando os perversos devoram aqueles que são mais justos do que eles? {1:14} Por que tratas as pessoas como se fossem peixes do mar, como se fossem animais que rastejam, que não têm quem os governe? {1:15} O inimigo pesca todos com o anzol, apanha-os na sua rede e os ajunta na sua rede de arrastão; então ele se alegra e fica contente. {1:16} Por isso, ele oferece sacrifício à sua rede e queima incenso à sua rede de arrastão, pois é por meio delas que aumentou as suas riquezas e tem abundância de comida. {1:17} Mas será que ele continuará a esvaziar a sua rede? Será que continuará a matar os povos sem dó nem piedade?”*

1:12 – Quando ouviu a resposta de Deus, Habacuque esteve apavorado e perplexo. É possível entender a reação dele ao pensar em um cenário em que alguém estivesse pedindo a justiça de Deus contra os malfeitores de sua cidade e, então, ouvisse do Senhor a resposta assustadora de que ele chamaria um povo cruel e forte para destruir a cidade. Quando Habacuque pediu justiça, ele não imaginou medidas tão drásticas. Ele questionou esse plano de Deus utilizando uma série de argumentos.

É visível que Habacuque, embora questionando a decisão do Senhor de punir Judá com a Babilônia, tem a maior reverência para ele. O profeta reconheceu que o Senhor é seu Deus, é santo, imortal, e é como uma rocha protetora. Ele também entendeu a soberania dele e que ele estabeleceu a nação babilônica para estabelecer seu juízo e servir de disciplina. A questão para o profeta foi: por que tinha que ser essa nação ímpia?

A expressão “*Não morreremos*” parece estranha no texto e vem de um hebraico obscuro de difícil tradução. “*Não morreremos*” aparece nas versões Nova Almeida Atualizada e Almeida Revista e Atualizada Segunda Edição. Na Nova Versão Internacional, a expressão aparece como “Meu Deus, meu Santo, não morreremos” e, na versão King James Atualizada, aparece como “Tu jamais morrerás e nós te seguiremos!” O sentido provável do hebraico tem a ver com imortalidade. Duas explicações podem ser consideradas sobre essa expressão:

- Talvez Habacuque não acreditasse que o Deus eterno iria destruir o seu povo escolhido, assim dizendo “*Não morreremos*”;
- Levando-se em conta que o livro é um diálogo entre Deus e Habacuque, talvez “*Não morreremos*” signifique que o profeta acreditasse que tanto Deus quanto os justos (incluindo o próprio Habacuque) viveriam para sempre. Isso implica que Habacuque acreditou que aqueles que são fiéis a Deus estariam com ele pela eternidade. Nesse contexto, eles não morreriam por sempre poderem estar com Deus, que é eterno.

A referência do profeta ao Senhor como “*Rocha*” foi feita como no contexto do Salmo 18:2, isto é, Deus é como uma rocha protetora: “*O SENHOR é a minha rocha, a minha fortaleza, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu alto refúgio.*”

1:13 – Ainda demonstrando a maior reverência, Habacuque reconheceu que o Senhor Deus é puro de olhos e não pode ver o mal nem a opressão. O profeta se queixou por não conseguir compreender o modo de Deus agir no mundo e na história. Para ele, como poderia um Deus puro, justo e que aborrece o mal usar os babilônios, povo ainda pior do que Judá, para o castigo? Como poderia o Deus justo deixar homens maus serem tão poderosos e capazes de oprimir aqueles que são mais justos do que eles?

1:14 – Continuando seus questionamentos, o profeta perguntou ao Senhor: “*Por que trataas pessoas como se fossem peixes do mar, como se fossem animais que rastejam, que não têm quem os governe?*” Ele estava comparando os homens poderosos e maus, particularmente os caldeus, como se fossem peixes ou répteis que fazem o que querem, sem ter quem os governe para impor limites. Para Habacuque, esse povo ímpio parecia nunca sofrer. Na mente do profeta, Deus deveria conter os agressores e fazê-los cumprir seus preceitos, mas eles pareciam estar livres da restrição divina.

1:15 – Com figuras de linguagem, o profeta demonstrou que a nação dos babilônios era cruel. Ele fez uma analogia em que o inimigo, a Babilônia, era como um pescador que levantava os peixes capturados com o anzol. Isso transmite a ideia de que eles venciam e subjugavam suas vítimas, se apoderando delas. De acordo com relevos assírios, os prisioneiros de guerra eram conduzidos com cordas presas a ganchos que perfuravam o nariz ou o lábio inferior. Nos tempos antigos, o anzol não servia apenas para pegar peixes, mas também para armazená-los, pelo menos por algum tempo.

Ainda usando analogia, Habacuque disse: “*pesca todos com o anzol, apanha-os na sua rede e os ajunta na sua rede de arrastão; então ele se alegra e fica contente.*” As vítimas da Babilônia eram tão impotentes quanto os peixes que caem em uma rede. Nessa analogia, os caldeus são os pescadores que fazem uso de grandes redes e os peixes são suas vítimas. Os babilônios se alegravam ao ver suas presas caindo em suas mãos. Os relevos da Mesopotâmia retratam simbolicamente os conquistadores capturando as vítimas em redes de pesca.

1:16 – Ainda usando figuras de linguagem, o profeta demonstrou que a nação dos babilônios é pagã e idólatra. A expressão *“Por isso, ele oferece sacrifício à sua rede e queima incenso à sua rede de arrastão, pois é por meio delas que aumentou as suas riquezas e tem abundância de comida”* demonstra a ideia de um pescador que, após uma pesca farta, dá o crédito a seus instrumentos de pesca, uma vez que acredita que eles foram a fonte do aumento de sua porção e de sua comida farta. Habacuque usou isso como outra analogia para descrever a Babilônia como uma nação pagã e idólatra, uma vez que ela não dava graças a Deus, sendo as graças representadas pelo *“sacrifício”* e pelo *“incenso”* que foram dirigidos aos instrumentos de pesca.

Em outras palavras, a Babilônia dava graças a seus próprios instrumentos de conquista e à sua própria força, simbolizados pelos instrumentos de pesca, pois acreditava que eles eram os responsáveis pelas recompensas de sua nação, as quais foram simbolizadas pelo enriquecimento de sua porção e pela fartura de sua comida.

1:17 – O profeta ainda perguntou ao Senhor: *“Mas será que ele continuará a esvaziar a sua rede? Será que continuará a matar os povos sem dó nem piedade?”* Ele quis saber se o povo ímpio, a Babilônia, continuaria impune aos olhos do Senhor enquanto conquistava e matava outros povos. Ela foi novamente comparada a um pescador, como em Habacuque 1:15, continuando a pescar vez após vez, mesmo após esvaziar uma rede farta de peixes, nunca tendo o suficiente. Os peixes representam as intermináveis vítimas da Babilônia.

Habacuque 2:1: *“{2:1} Estarei na minha torre de vigia, ficarei na fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa.”*

2:1 – Após terminar a sua queixa, ansioso para receber a resposta de Deus, Habacuque disse: *“Estarei na minha torre de vigia, ficarei na fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa.”* Profetas foram comparados a guardas designados para alertar o povo do perigo que se aproximava – nesse caso, o juízo divino iminente. Ezequiel 3:17; 33:1-9 são passagens em que o profeta recebeu a função de atalaia. Jeremias 6:17 demonstrou que o Senhor estabeleceu atalaias, profetas, para que alertassem o povo, mas o povo não quis ouvir. Oseias 9:8 afirma que o profeta é sentinela.

Portanto, depois de fazer suas perguntas, Habacuque mostrou uma atitude admirável. Ele questionou porque não compreendeu os planos de Deus, mas mostrou grande reverência para ele. O profeta não apontou o dedo para Deus a fim de acusar ou criticar suas decisões. Há uma lição valiosa aqui. O ser humano pode perguntar para tentar entender, mas jamais tem direito de contrariar a sabedoria de Deus. Habacuque não entendeu e, por esse motivo, perguntou. No entanto, ele não demonstrou a arrogância de algumas pessoas que efetivamente acreditam ser mais sábias do que o próprio Deus. Ele não julgou a decisão de Deus. Habacuque simplesmente aguardou a resposta.

Jerusalém era uma cidade fortificada e, como tal, possuía torres de vigia sobre as muralhas. *“Estarei na minha torre de vigia”* pode significar que Habacuque gostava de estar em uma dessas torres ou, talvez, fosse um lugar de importância pessoal para ele. Talvez ele considerasse a referida torre como um lugar de importância por ter recebido palavras de Deus nela. Talvez fosse apenas uma expressão para transmitir a ideia de que ele estaria alerta para receber a resposta do Senhor. De qualquer forma, nessa ocasião, o profeta manteve-se alerta na *“torre de vigia”*, mas não para advertir o povo de algum perigo – ele estava disposto a esperar a resposta do Senhor. Isso dá a entender que Habacuque era um homem que valorizava a Palavra de Deus e ansiava por ouvi-la.

Não houve uma resposta imediata à segunda série de perguntas do profeta. Ele, todavia, assumiu uma atitude de confiante espera. Vigilante e atento, teve a certeza de que Deus mandaria sua resposta a qualquer momento, de acordo com sua soberana e sábia vontade.

A SEGUNDA RESPOSTA DE DEUS

Habacuque 2:2-5: *“{2:2} O SENHOR me respondeu e disse: ‘Escreva a visão, torne-a bem legível sobre tábuas, para que possa ser lida até por quem passa correndo. {2:3} Porque a visão ainda está para se cumprir no tempo determinado; ela se apressa para o fim e não falhará. Mesmo que pareça demorar, espere, porque certamente virá; não tardará. {2:4} Eis que a sua alma está orgulhosa! A sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. {2:5} Assim como o vinho é enganoso, também o arrogante não se contém. O seu apetite é como a sepultura; ele é como a morte, que nunca se farta. Ele ajunta para si todas as nações e congrega todos os povos.’”*

2:2 – De acordo com a paciência e espera do profeta, a segunda resposta do Senhor veio. A mensagem que se seguiu trata da destruição da Babilônia em 539 a.C., cerca de 68 anos depois da visão profética de Habacuque. O hebraico traduzido por *“visão”* refere-se especificamente à visão de um profeta. Na primeira resposta, Deus prometeu trazer um povo cruel e violento, os caldeus ou babilônios, contra Judá. Mesmo assim, ele conheceu os pecados dos caldeus e traria castigo sobre eles. Os motivos dados a partir daqui servem de advertência para todas as nações, inclusive nações modernas.

Outra tradução para a expressão *“para que possa ser lida até por quem passa correndo”* seria *“para o que lê corra a obedecer”*. A ideia é que a mensagem fosse escrita em tábuas com letras grandes para que até mesmo um mensageiro, o qual tipicamente corria pelas ruas e estradas entregando mensagens, pudesse ler rapidamente a mensagem e levá-la urgentemente a todos.

2:3 – A expressão *“tempo determinado”* aparece no Livro de Daniel (Daniel 8:19; 11:27) e se referia a dias ainda distantes, mas com data marcada para o juízo acontecer. Similarmente, a Babilônia ainda nem havia atacado Jerusalém e Deus já tinha dado a ela a sentença, a qual ainda ocorreria em dias distantes em relação aos dias de Habacuque. O Senhor avisou o profeta, e todo o povo de Judá, que o cumprimento da profecia demoraria, mas ele e o povo deveriam aguardar (Habacuque 3:16). Quando o dia marcado chegar, a punição é certa e não vai tardar. Deus responde algumas vezes imediatamente, em outras vezes ele leva certo tempo, mas ele sempre agirá na hora certa de acordo com seu propósito (Salmo 27:14; Salmo 37:34).

2:4 – A expressão *“Eis que a sua alma está orgulhosa”* foi usada coletivamente e especificamente para os babilônios, embora também sirva de exemplo para outras pessoas e nações. O Senhor fez um contraste entre o orgulhoso e o justo, dizendo que a alma do orgulhoso não é reta, ou seja, é desviada de Deus, mas que *“o justo viverá pela sua fé.”* A palavra hebraica traduzida por *“fé”* inclui, ao mesmo tempo, as ideias de firme lealdade e confiança. Aos justos, ou seja, aqueles que perseveram no caminho do Senhor e são justificados por ele por uma fé obediente, é prometida a vida, tendo em vista a inquebrantável fidelidade à Palavra e à vontade de Deus. Os orgulhosos, porém, são objeto de uma expressa condenação por parte do Senhor (Habacuque 2:12-13). O apóstolo Paulo, em Romanos 1:17 e Gálatas 3:11, citando os manuscritos da versão grega do Antigo Testamento de forma um tanto livre, afirmou que quem foi justificado pela fé poderá gozar o dom da vida que vem de Deus. No Novo Testamento, Hebreus 10:38 também falou sobre o justo vivendo pela fé e, se ele retroceder, a alma do Senhor não se agradará dele.

2:5 – No contexto, a expressão *“o vinho é enganoso”* é intercambiável com *“o poder é enganoso”*. Deus utilizou essa expressão para dizer ao profeta que, assim como o vinho parece bom, mas faz mal e embriaga, assim é com o arrogante que confia em seu poder. Isso é especialmente aplicado à Babilônia, mas serve para qualquer um. O arrogante não permanecerá e será abatido. Em Provérbios 16:18, está escrito: *“Antes da ruína vem a soberba, e o espírito orgulhoso precede a queda.”*

A *“sepultura”* aqui é uma referência ao mundo sombrio dos mortos, antigamente retratado às vezes como um monstro boquiaberto com apetite insaciável. É outra figura de linguagem usada pelo Senhor para a descrição do desejo insaciável da Babilônia em conquistar, assim como o mundo dos mortos não se cansa de tragar mais mortos. A Babilônia chegará a conquistar e juntar muitas nações e povos como vítimas, mas sua sentença já foi pronunciada.

Habacuque 2:6-8: *“{2:6} Não é fato que todos esses povos proferirão contra ele um provérbio, um dito em tom de zombaria? Eles dirão: ‘Ai daquele que acumula o que não é seu — até quando? —, e daquele que se enche de coisas penhoradas! {2:7} Será que não se levantarão de repente contra você os seus credores? E não despertarão aqueles que farão você tremer? Você lhes servirá de despojo. {2:8} Visto que você despojou muitas nações, todos os povos que restaram virão despojá-lo. Porque você derramou muito sangue e cometeu violência contra a terra, contra as cidades e contra todos os seus moradores.”*

2:6 – O Senhor fez críticas severas ao opressor do povo de Judá, mas tais críticas também servem de advertência para todas as nações, inclusive as modernas. A expressão *“Ai”* introduz cinco profecias de juízo e condenação, todas com tópicos em comum: a descrição do pecado, a descrição do castigo, e a indicação do juízo de Deus. O primeiro *“ai”* demonstra que os povos oprimidos pela Babilônia levantarão um provérbio de zombaria

contra ela: *“Ai daquele que acumula o que não é seu — até quando? —, e daquele que se enche de coisas penhoradas!”* A Babilônia se enriquecia com o que não era seu, tomando dos oprimidos.

2:7 – Prosseguindo com a mesma ideia do versículo anterior, o Senhor continuou: *“Será que não se levantarão de repente contra você os seus credores? E não despertarão aqueles que farão você tremer? Você lhes servirá de despojo.”* Até os “credores”, ou seja, aqueles que tinham direito de receber um valor ou algo da Babilônia, se levantarão de repente contra ela, incitando também outros que a abalarão. Assim, a própria Babilônia servirá de despojo a todos eles.

2:8 – Continuando a indicar o juízo contra o orgulhoso, isto é, a Babilônia, o Senhor disse: *“Visto que você despojou muitas nações, todos os povos que restaram virão despojá-lo.”* Deus aplicou aos babilônios a lei de talião, da mesma forma como escrito em Jeremias 30:16: *“Por isso, todos os que a devoram serão devorados, e todos os seus inimigos serão levados, cada um deles para o cativeiro. Aqueles que a despojam serão despojados, e entregarei ao saque todos os que a saqueiam.”* Deus disse também: *“Porque você derramou muito sangue e cometeu violência contra a terra, contra as cidades e contra todos os seus moradores.”* O sangue dos homens oprimidos, assim como a terra, a cidade e seus moradores que sofreram a violência, teriam a devida retribuição. É possível que uma das cidades e seus moradores mencionados aqui sejam Jerusalém e seu povo.

A lição desse primeiro “ai” é que, por meio de práticas desonestas e violentas, os caldeus acumularam bens que não pertenciam a eles. Tanto nações como indivíduos devem adquirir os seus bens por maneiras lícitas e honestas. Deus castigará as pessoas e os povos que tomam à força, roubam, e que não pagam suas dívidas.

Habacuque 2:9-11: *“{2:9} Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal-adquiridos, para pôr o seu ninho num lugar bem alto, a fim de livrar-se das garras do mal! {2:10} Os seus planos resultarão em vergonha para a sua casa. Ao destruir muitos povos, você pecou contra a sua própria vida. {2:11} Porque as pedras das paredes clamarão contra você, e as vigas do madeiramento farão eco.”*

2:9 – Os “ais” continuam. Os caldeus, assim como outras nações, usaram a riqueza conquistada em suas guerras para fortalecer sua própria nação, achando que estariam protegidos dos ataques de quaisquer inimigos. Usando outra analogia, o Senhor disse que a Babilônia colocou seu “ninho num lugar bem alto”, achando que nenhum inimigo teria condições de invadi-la e causar mal contra ela. Até hoje, as nações se enganam da mesma maneira. Confiam em seus sistemas de defesa e em sua força militar enquanto esquecem um princípio revelado por Deus: *“A justiça é a glória da nação, mas o pecado é a vergonha dos povos”* (Provérbios 14:34). A Babilônia confiava excessivamente em fortalezas humanas, usando a riqueza conquistada dos oprimidos (“ajunta em sua casa bens mal-adquiridos”) com intuito de se fortificar (“pôr o seu ninho num lugar bem alto”) e se proteger dos inimigos (“garras do mal”), mas negligenciava a justiça – os preceitos justos de Deus.

2:10 – A aquisição de bens de oprimidos é vergonhosa (“Os seus planos resultarão em vergonha para a sua casa”). Enquanto destruía e subjugava outros povos, a Babilônia pecava e, assim, prejudicava a si mesma diante de Deus (“Ao destruir muitos povos, você pecou contra a sua própria vida”). Aquele que pratica o mal propositalmente acabará destruindo a si mesmo por colocar sua vida sujeita à condenação do justo Deus.

2:11 – O mal traz dor à consciência. É interessante a ilustração apresentada aqui em que os próprios objetos inanimados obtidos por causa da conquista de outras nações, como as pedras e as vigas usadas para fazer fortalezas, passam a acusar o opressor (“Porque as pedras das paredes clamarão contra você, e as vigas do madeiramento farão eco”). Aquele que pratica o mal propositalmente macula sua consciência.

Habacuque 2:12-14: *“{2:12} Ai daquele que edifica uma cidade com sangue e a fundamenta na iniquidade! {2:13} Será que não é a vontade do SENHOR dos Exércitos que os povos trabalhem para o fogo e que as nações se fatiguem em vão? {2:14} Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar.”*

2:12 – Muitos impérios construíram cidades por meio do uso da violência e opressão. Deus nunca aprovou a maldade de homens que procuram obter vantagem sobre outros. Os mais fortes deveriam proteger os mais fracos, ao invés de abusar deles. Os mais ricos devem ajudar os mais pobres, e não explorá-los. O Império Neobabilônico fazia uso de violência e opressão para edificar suas cidades com sangue e iniquidade, abusando dos mais fracos que eram conquistados (“Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com iniquidade!”).

Passagens bíblicas que demonstram a aversão do Senhor contra a edificação de cidades com sangue e iniquidade são Jeremias 22:13 e Miqueias 3:10. Jeremias 22:13 diz: *“Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça e os seus aposentos, contrariando o direito! Que faz o seu próximo trabalhar de graça, sem lhe pagar o salário.”* Miqueias 3:10, reprovando o povo de Jerusalém, diz: *“que edificam Sião com sangue e Jerusalém, com iniquidade.”*

2:13 – Todo o labor e fadiga da Babilônia por tudo o que fez terá sido em vão e será queimado (*“Será que não é a vontade do SENHOR dos Exércitos que os povos trabalhem para o fogo e que as nações se fatiguem em vão?”*). O povo ímpio estava se esforçando bastante para se tornar poderoso, mas isso era em vão, pois sua queda era certa. A Babilônia estava jogando trabalho fora e o fruto de seu labor foi destinado para a destruição. Embora o contexto seja especificamente um “ai” contra os caldeus, o princípio se aplica a qualquer pessoa. Quem persistir em trabalhar em algo que não seja de agrado do Senhor, em última análise, está apenas jogando trabalho fora, não importa o quão impressionante seja a obra. Cidades fortificadas construídas com sangue e iniquidade (Habacuque 2:12) são um excelente exemplo disso.

2:14 – A declaração *“Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar”* é singular e importante. Encontramos um paralelo em Isaías 11:9: *“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar.”* Primeiramente, o texto foi aplicado à Babilônia, uma vez que o poder e providência de Deus serão largamente mostrados na destruição dessa cidade e império, na humilhação do rei Nabucodonosor (Daniel 4:37) e, posteriormente à época de Habacuque, no cativeiro e restauração do povo de Judá. A passagem pode também ser aplicada para os dias do Messias, Jesus Cristo. A terra da Judeia ouviu seus ensinamentos, sendo cheia com o conhecimento do Senhor. Nesse contexto, o desígnio de Deus é completamente desvendado, e o esquema da salvação amplamente explicado. Por fim, também há uma aplicação à pregação do evangelho: onde o evangelho é seguido, não há violência, nem opressão, nem mal algum.

Pode-se observar um contraste total considerando a declaração de que a terra se encherá com o conhecimento da glória de Deus com o contexto desse “ai”: não adianta trabalhar e labutar apenas para as coisas mundanas. Pior ainda se tal labuta tiver fundamento em violência e opressão. Querendo o ímpio ou não, a terra vai se encher da Palavra do Senhor, então não adianta o ímpio tentar se fortalecer e se opor a Deus.

Habacuque 2:15-17: *“[2:15] Ai daquele que dá ao seu companheiro vinho misturado com o seu furor, e que o embebeda para lhe contemplar a nudez! [2:16] Você ficará coberto de vergonha em vez de honra. Beba você também e mostre a sua incircuncisão! Chegará a sua vez de pegar o cálice da mão direita do SENHOR, e a sua glória se transformará em vergonha. [2:17] Porque a violência contra o Líbano cairá sobre você, e você ficará apavorado por ter destruído os animais. Porque você derramou muito sangue e cometeu violência contra a terra, contra as cidades e contra todos os seus moradores.”*

2:15 – A Babilônia induziu outras nações a participar de seus pecados. A imagem usada aqui é de uma tática bem conhecida: embriagar os outros a fim de que eles façam coisas que não fariam se estivessem sóbrios. Isso é como embebedar *“para lhe contemplar a nudez”*. Quando as filhas de Ló quiseram induzir o pai a se deitar com elas, deram vinho a ele (Gênesis 19:31-36). Quando Davi quis convencer Urias a voltar para a casa dele, deu a ele bebida forte (2 Samuel 11:13). Isso é reprovável diante do Senhor. Ele disse à Babilônia que tal atitude vai resultar em vergonha para ela ao invés de honra (Habacuque 2:16).

Encontramos um paralelo da expressão *“Ai daquele que dá ao seu companheiro vinho misturado com o seu furor, e que o embebeda para lhe contemplar a nudez!”* em Naum 3:5: *“‘Eis que eu estou contra você’, diz o SENHOR dos Exércitos. ‘Levantarei as abas de sua saia sobre o seu rosto, e mostrarei às nações a sua nudez, e aos reinos, as suas vergonhas.’”* Isso foi pronunciado contra Nínive, a capital da Assíria, a superpotência antes da Babilônia que cometeu os mesmos erros.

2:16 – Como a Babilônia induzia outros povos a participar de seus pecados, enganando-os, como se os embebedasse com bebida (Habacuque 2:15), Deus prometeu inverter a situação. Ele mesmo daria para a Babilônia o cálice da ira dele. O cálice da ira do Senhor é frequentemente uma figura de um dia de visita de Deus para efetuar juízo contra uma nação – é um dia de acerto de contas. Esse dia resulta em livramento para os fiéis, mas é terrível para os ímpios. A ideia de que a ira do Senhor é representada por um cálice que traz juízo é comum no Antigo Testamento. Um exemplo pode ser encontrado no Salmo 75:8: *“Porque na mão do SENHOR há um cálice cujo vinho espumeja, cheio de mistura; dele dá a beber; sorvem-no, até a última gota, todos os ímpios da terra.”*

Dessa forma, assim como a Babilônia incitava os outros à sua destruição, induzindo-os a praticar pecados, o Senhor também a incitaria para sua própria destruição, sendo sua “nudez” e “incircuncisão” expostas. A incircuncisão representa um povo que não busca a Deus (a circuncisão na época do Antigo Testamento era um sinal do povo de Israel, a nação eleita de Deus). Assim, a Babilônia receberá vergonha em vez de glória.

2:17 – A madeira dos cedros do Líbano, apreciada durante séculos, tinha sido confiscada pelos reis da Assíria para adornar seus palácios. Inscrições assírias registram expedições de busca no território do Líbano. Dada a reprovação do Senhor, provavelmente os babilônios fizeram a mesma coisa. Assim, até mesmo a violência envolvida nesse processo, incluindo o desmatamento exagerado de árvores para a obtenção da madeira e a matança exagerada de animais, se voltaria contra os caldeus. A violência da Babilônia contra a terra e contra os animais, o sangue dos homens que ela derramou, e a violência contra várias cidades e seus moradores, são atitudes que terão a devida retribuição da parte do Senhor Deus.

Habacuque 2:18-20: *“{2:18} Para que serve o ídolo, visto que o seu artífice o esculpiu? E de que serve a imagem de fundição, mestra de mentiras, para que o artífice confie na sua obra, fazendo ídolos mudos? {2:19} Ai daquele que diz à madeira: ‘Acorde!’ E à pedra muda: ‘Levante-se!’ Pode o ídolo ensinar? Eis que está coberto de ouro e de prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum. {2:20} O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.”*

2:18 – Nas sentenças da Bíblia contra povos e nações, encontramos diversos pecados merecedores de punição. Um dos pecados mais abomináveis ao Senhor é a idolatria. Ela envolve uma rejeição total e insensata do criador. Rejeição total porque o único verdadeiro Deus é substituído por um ou mais falsos deuses. O último “ai” contra os caldeus é exatamente contra a insensatez da idolatria deles.

Deus zombou dos ídolos e de seus seguidores, mostrando que é absurdo adorar uma imagem ou representação. Um ídolo é uma obra de mãos humanas que acaba se tornando “maior” do que seu criador, o próprio homem. O homem cria uma mera representação, e ele ainda assim confia nela e a venera como se fosse Deus.

2:19 – Ídolos são totalmente impotentes. Não falam, não se mexem, não ensinam e nem respiram. Não têm vida (“no seu interior, não há fôlego nenhum”). E, ainda assim, idólatras se dirigem a eles dizendo “Acorde!” ou “Levante-se!” – de que adianta dizer isso para coisas inanimadas? Elas não são capazes de ensinar.

Por mais bem adornado que esteja e por mais valioso que pareça, um ídolo não passa de um objeto inanimado. Paulo resumiu o argumento, alguns séculos depois, quando disse “sabemos que o ídolo, por si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus” em 1 Coríntios 8:4.

Apenas Deus é o criador e aquele que detém direito sobre todas as coisas. Tirá-lo dessa posição e dá-la a um ídolo é altamente reprovável. Isaías 42:5 afirma que Deus criou os céus e os estendeu, que formou a terra e tudo quanto ela produz, que ele dá fôlego de vida ao povo que está na terra, e que ele pôs espírito naqueles que nela andam. Um pouco mais adiante, Isaías escreveu em Isaías 42:8-9: “Eu sou o SENHOR: este é o meu nome. Não darei a mais ninguém a minha glória, nem a minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e agora eu lhes anuncio coisas novas; e, antes que se cumpram, eu as revelo a vocês.”

Em Isaías 44:9-20 encontramos um dos textos bíblicos mais fortes que ressaltam a insensatez da idolatria: “Todos os artífices de imagens de escultura são nada, e as coisas que eles tanto estimam não têm valor nenhum. Eles mesmos são testemunhas de que elas nada veem, nem entendem, para que sejam envergonhados. Quem formaria um deus ou fundiria uma imagem de escultura, que não tem valor nenhum? Eis que todos os seus seguidores ficarão envergonhados, pois os artífices não passam de homens. Que todos eles se reúnam e se apresentem! Sentirão pavor e, todos juntos, serão envergonhados. O ferreiro pega uma ferramenta e trabalha nas brasas; vai moldando um ídolo com o martelo e forja-o com a força do seu braço. Ele tem fome e perde as forças; não bebe água e desfalece. O carpinteiro estende o cordel sobre a madeira e, com o lápis, esboça uma imagem; alisa-a com plaina, marca com o compasso e faz uma escultura à semelhança e beleza de um ser humano, para ser colocada num templo. Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho, fazendo escolha entre as árvores do bosque; planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer. Tais árvores servem ao homem para queimar; com parte de sua madeira ele se aquece e também assa o pão; com a outra parte ele faz um deus e se prostra diante dele; esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela. Metade queima no fogo e com ela assa a carne para comer; faz um assado e dele se farta; também se aquece e diz:

‘Ah! Já estou aquecido! E como é bom olhar para o fogo.’ Do resto ele faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, prostra-se e lhe dirige a sua oração, dizendo: ‘Livra-me, porque tu és o meu deus.’ Nada sabem, nem entendem, porque os olhos deles estão grudados, para que não vejam, e o coração deles já não pode entender. Nenhum deles cai em si, já não há conhecimento nem compreensão para dizer: ‘Metade da madeira queimei e sobre as brasas assei pão e carne para comer. E será que daquilo que restou eu faria uma abominação? Deveria eu me ajoelhar diante de um pedaço de madeira?’ Tal homem se apascenta de cinza; o seu coração enganado o iludiu, de maneira que não pode livrar a sua alma, nem dizer: ‘Não é uma mentira isso que tenho em minha mão?’”

2:20 – Outra das passagens mais conhecidas do Livro de Habacuque, a expressão “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra”, é um chamado para preparar a chegada do juízo de Deus envolvendo silêncio, expectativa e temor, assim como Sofonias 1:7; Zacarias 2:13; Apocalipse 8:1. É um texto que pode ser entendido como se um temível rei, enfurecido, se levantasse de seu trono para efetuar um juízo terrível e todos, cheios de temor, estivessem em silêncio e em expectativa. Também se observa um total contraste com os ídolos: Deus é capaz de repreender a toda a terra e fazê-la se calar pelo temor que ele transmite, mas ídolos são criados pelo ser humano, não têm vida e não podem fazer nada.

Assim, por todos os motivos descritos nos cinco “ais”, Deus iria castigar os caldeus. Eles serviriam, primeiramente, como o instrumento dele para punir o povo de Judá. No entanto, menos de 50 anos depois da destruição de Jerusalém pelos exércitos babilônicos, seu império caiu. Deus, no “tempo determinado” (Habacuque 2:3), de fato trouxe a justiça sobre esse povo ímpio.

A ORAÇÃO EM FORMA DE SALMO DE HABACUQUE

Habacuque 3:1: “{3:1} *Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto.*”

3:1 – O livro termina com uma oração em forma de canto, ou salmo musical, que descreve, em um elevado tom poético, a vinda triunfante do Senhor. Deus avança e toda a criação se perturba com a sua passagem (Habacuque 3:6,10-11).

Como canto de vitória, o poema está no nível do cântico de Moisés em Êxodo 15:1-18 e do cântico de Débora e Baraque em Juízes 5:1-31. Pelo seu tema, apresenta pontos comuns com o Salmo 18 e o Salmo 68. Deus vem da região do Sinai, com poder, abalando tudo em seu caminho, para salvar seu povo. O povo vai ser maltratado, mas Deus o salvará. Ele é poderoso para salvar os fiéis e punir o opressor (no contexto, a Babilônia). Habacuque colocou sua confiança no Senhor, ainda que as coisas estivessem ruins. Ele exaltou o Senhor com esse cântico.

O título do canto/salmo apresenta uma expressão de significado incerto. Trata-se, provavelmente, de uma indicação do tom em que devia ser recitado ou cantado o salmo. A palavra hebraica é *shigionoth*, provavelmente um termo literário musical.

Habacuque 3:2-5: “{3:2} *SENHOR, tenho ouvido a tua fama, e me sinto alarmado. Aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida. Na tua ira, lembra-te da misericórdia.* {3:3} *Deus vem de Temã, o Santo vem do monte Parã. A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor.* {3:4} *O seu resplendor é como a luz, e raios brilham da sua mão; o seu poder se esconde ali.* {3:5} *Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos.*”

3:2 – O profeta Habacuque ouviu a respeito das manifestações do Senhor e seus feitos ao longo da história e sentia-se alarmado, ou temeroso, por causa do juízo que o Senhor declarou contra Judá, fazendo uso da Babilônia. A expressão “Aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida” refere-se, de forma especial, aos atos realizados pelo Senhor quando os hebreus saíram do Egito, quando Deus os salvou. Habacuque desejou que as obras do Senhor fossem feitas conhecidas a toda a posteridade e que ele salvasse seu povo, como aconteceu no passado.

Os fenômenos que acompanham a manifestação e a vitória do Senhor no canto/salmo de Habacuque são semelhantes àqueles que ocorreram na época do êxodo (Juízes 5:4-5; Salmo 77:16-20; 114:3-8). Uma vez que a ira do Senhor é terrível, o profeta pediu a ele “Na tua ira, lembra-te da misericórdia”, de forma similar a Isaías 54:8: “‘Num

ímpeto de indignação, escondi de você a minha face por um momento, mas com misericórdia eterna me compadeço de você’, diz o SENHOR, o seu Redentor.” O poder e as obras do Senhor são tão grandiosos que fazem tremer – são terríveis. Portanto, Habacuque pediu que ele se lembrasse de sua misericórdia na sua ira, ou ninguém restaria. Habacuque quis que a misericórdia do Senhor fosse particularmente aplicada ao povo de Judá que seria oprimido pela Babilônia.

3:3 – “*Temã*”, que significa “região do sul”, era uma aldeia em Edom, ao sul do Mar Morto, conhecida pelos seus sábios (no Livro de Jó, o sábio Elifaz era temanita). O “*monte Parã*” é uma zona montanhosa situada ao norte do Sinai, provavelmente a noroeste do Golfo de Ácaba e ao sul de Cades-Barneia, entre Edom e o Monte Sinai, onde acamparam os israelitas durante sua marcha para a terra prometida. Geralmente é associado com o Monte Sinai, o monte Seir e a outorga da Lei de Moisés. A ideia aqui é que o Senhor, também chamado “*o Santo*” por causa de sua inigualável santidade, aparece na terra na região do Sinai, isto é, na área onde ele se revelou ao seu povo e deu a ele o conhecimento de sua lei. Dali ele prossegue rumo a Judá, perturbando toda a criação enquanto passa, para salvar seu povo do opressor, a Babilônia.

Era prática comum entre os povos no mundo antigo que identificassem suas divindades como fenômenos observáveis e impressionantes. Os escritores do Antigo Testamento também combinavam lembranças dos atos poderosos de Deus com imagens de alguma manifestação espantosa de seu poder. Aqui a descrição é: “*A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor.*” Isso também faz lembrar a manifestação de Deus por meio da criação. O aparecimento de Deus, conhecido pelo termo “teofania”, faz com que sua glória cubra os céus e que a terra se encha do louvor a ele.

3:4 – A expressão “*O seu esplendor é como a luz, e raios brilham da sua mão; o seu poder se esconde ali*” demonstra uma imagem retratando a glória de Deus como a luz, sendo seu poder demonstrado com a imagem de raios brilhando em sua mão. No entanto, seu poder está escondido, ou seja, ele está mantendo a mão fechada para que os raios ainda não sejam disparados, embora eles sejam visíveis cintilando mesmo com sua mão fechada.

3:5 – A “*peste*” ou “*pestilência*” acompanha Deus enquanto ele se move da região do Sinai para a nação de Judá. Ela é um dos elementos característicos do castigo divino: espada, fome, praga e feras da terra. Assim, Deus está se dirigindo a Judá para executar juízo contra o opressor do povo – a praga é o indicativo do juízo.

Aparece aqui o termo hebraico “*Selá*”, o qual é traduzido às vezes como “pausa”. Provavelmente, é um termo hebraico literário ou musical.

Habacuque 3:6: “*{3:6} Ele para e faz a terra tremer; olha e sacode as nações. Esmigalham-se os montes primitivos; as colinas antigas se abatem. Os caminhos de Deus são eternos.*”

3:6 – Outro versículo que ressalta o poder do Senhor com figuras de linguagem. De repente, Deus para de se mover e faz tremer a terra. Com um simples olhar, ele sacode as nações, tamanho é seu poder. Montes antigos se esmigalham por causa do poder dele. Colinas e montes, tão antigos e permanentes do ponto de vista humano, até mesmo chamados de “eternos” em algumas versões da Bíblia, se abatem. No entanto, não são os montes que são verdadeiramente eternos, mas os caminhos de Deus, pois suas palavras jamais passarão, e aqueles que seguem seus caminhos vivem com ele eternamente.

Encontramos outras passagens semelhantes na Bíblia. Em Amós 4:13, está escrito: “*Porque é ele quem forma os montes, cria o vento e declara aos seres humanos qual é o seu pensamento; ele faz da manhã trevas e anda sobre os altos da terra; SENHOR, Deus dos Exércitos, é o seu nome.*” Miqueias 1:3-4 diz: “*Porque eis que o SENHOR sai do seu lugar; ele desce e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo.*”

Habacuque 3:7-9: “*{3:7} Vejo as tendas de Cusã em aflição; os acampamentos da terra de Midiã tremem. {3:8} Acaso é contra os rios, SENHOR, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar, o teu furor, já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória? {3:9} Preparas o teu arco; a tua aljava está cheia de flechas. Tu fendes a terra com rios.*”

3:7 – Como Deus tinha parado seu movimento e olhado para as nações, sacudindo-as (Habacuque 3:6), as “*tendas de Cusã*” se afligiram e os “*acampamentos da terra de Midiã*” tremeram. Cusã e Midiã eram tribos árabes que viviam perto de Edom, beduínos que viviam ao sul do Mar Morto. Encontramos uma referência à terra de Midiã em Êxodo 2:15, onde Moisés se escondeu do faraó. Há uma referência a Cusã em Juízes 3:8, onde o Senhor entregou o povo, por causa de sua desobediência, nas mãos de Cusã-Risataim, um rei da Mesopotâmia – os israelitas o serviram por oito anos naquele contexto.

3:8 – Enquanto nações, montes e colinas se abalam com a presença do Senhor e seu poder, os rios, ribeiros e o mar também se abalam. Por isso, Habacuque perguntou a Deus se ele estava irado com essas águas também. Deus aqui foi descrito como um guerreiro que anda montado em cavalos e carros de guerra. São figuras de linguagem que demonstram o poder vitorioso do Senhor.

3:9 – Habacuque procedeu descrevendo Deus como um guerreiro preparado com arco e uma aljava carregada de flechas. Ele volta a se mover sobre seus cavalos e carros e, ao fazer isso, fende a terra com rios, tamanho é seu poder.

Habacuque 3:10-13: “**{3:10}** Os montes te veem e se contorcem; torrentes de água passam. As profundezas do mar fazem ouvir a sua voz e levantam bem alto as suas mãos. **{3:11}** O sol e a lua param nas suas moradas, ao resplandecer a luz das tuas flechas sibilantes, ao fulgor do relâmpago da tua lança. **{3:12}** Na tua indignação, marchas pela terra; na tua ira, pisas as nações. **{3:13}** Tu sais para salvar o teu povo, para salvar o teu ungido. Feres o chefe da casa dos ímpios, deixando-o descoberto dos pés à cabeça.”

3:10 – Seguem mais figuras de linguagem que exaltam o poder do Senhor Deus. Ele vai se movendo no trajeto da região do Sinai até Judá como um guerreiro sobre cavalos e carros de guerra (Habacuque 3:8). Quando sua presença está diante dos montes, eles se contorcem, tamanho é seu poder, e as fendas que aparecem permitem a passagem de “*torrentes de água*”. O mar, desde as profundezas, se joga para cima, como se “*erguesse suas mãos*”, fazendo o barulho característico das muitas águas. É quase como se elas estivessem saudando um herói quando “*erguem suas mãos*”. A seguir, as torrentes que subiram descem violentamente e “*fazem ouvir a sua voz*”.

3:11 – Até mesmo Sol e a Lua que se encontram na abóbada celeste param para ver o resplandecer da luz das “*flechas sibilantes*” que são disparadas pelo Senhor Deus (Habacuque 3:9), assim como o brandir de sua lança que resplandece como um relâmpago – Deus foi retratado como um poderoso guerreiro. Nos dias de Josué, o Senhor fez o Sol e a Lua pararem em uma espantosa demonstração de poder (Josué 10:12-14).

3:12 – Deus está indignado e irado com as nações ímpias e com a nação opressora que ataca seu povo. Enquanto ele avança pela terra, em marcha, as nações são pisoteadas por seus pés. A expressão “*pisas as nações*”, ou “*calcar aos pés*”, é usada muitas vezes na Bíblia como um indicativo de juízo.

3:13 – Depois de pisotear as nações ímpias, o Senhor sai para finalmente defender seu povo, seu “*ungido*”. Ele chegou a Judá. Então, ele fere o chefe dos ímpios que estavam oprimindo seu povo, desarmando-o e deixando-o totalmente exposto, sem armadura e armas.

A expressão “*Feres o chefe da casa dos ímpios, deixando-o descoberto dos pés à cabeça*” também pode ser traduzida como “*feres o telhado da casa do perverso e lhe descobres de todo o fundamento*”. Isso retrata Deus passando como um vendaval pela nação ímpia, fazendo os telhados e fundamentos de suas casas serem arrancados, o que significa a derrota da nação inimiga diante do poder do Senhor.

Habacuque 3:14-15: “**{3:14}** Traspassas a cabeça dos guerreiros do inimigo com as suas próprias lanças, os quais, como tempestade, avançam para me destruir; regozijam-se, como se estivessem para devorar o pobre às ocultas. **{3:15}** Marchas com os teus cavalos pelo mar, pela massa de grandes águas.”

3:14 – Os inimigos avançam como se fossem uma tempestade, se alegrando como se estivessem prontos para “*devorar os pobres às ocultas*”. Mas Deus está junto a seu povo e derrota os inimigos. Sua capacidade de subjugar-los é tamanha que ele é capaz de derrotá-los com suas próprias armas. Isso pode aludir às ocasiões em que o Senhor gerou confusão em meio a seus inimigos, os quais atacaram a si mesmos (Juízes 7:22; 2 Crônicas 20:23).

3:15 – O Senhor marcha com seus cavalos sobre as águas do mar. É outra figura de linguagem para a demonstração do poder de Deus – o mar, as muitas águas, não são obstáculos para ele. Em Isaías 43:16-17, está escrito: “Assim diz o SENHOR, que preparou um caminho no mar e uma vereda nas águas impetuosas; que fez sair os carros de guerra e os cavalos, o exército e a força, e eles jazem ali e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como um pavio.” Em Isaías 63:11-14, está escrito: “Então o povo se lembrou dos dias antigos, lembrou de Moisés, e disse: ‘Onde está aquele que tirou o seu povo do mar, junto com o pastor do seu rebanho? Onde está o que pôs nele o seu Espírito Santo, aquele que fez com que o seu braço glorioso estivesse à mão direita de Moisés? Onde está aquele que dividiu as águas diante deles, adquirindo para si um nome eterno? Aquele que os guiou pelos abismos, como a um cavalo pelo deserto, de modo que nunca tropeçaram? Como o gado que desce aos vales para repousar, o Espírito do SENHOR lhes deu descanso.’ Assim, guiaste o teu povo, para adquirires um nome glorioso.”

Outra possível interpretação é que, na Bíblia, muitas vezes o mar e as águas representam as nações ou exércitos do mundo. Se esse for o caso aqui, significa mais uma vez que o Senhor pisa as nações (Habacuque 3:12) e demonstra quem está no comando. Ele é poderoso para salvar seu povo e derrotar o ímpio. As nações não são obstáculos para ele.

Habacuque 3:16-18: “{3:16} *Ouvi isso, e o meu íntimo se comoveu; os meus lábios tremeram ao ouvir a sua voz. A podridão entrou nos meus ossos, e os meus joelhos vacilaram, pois, em silêncio, devo esperar o dia da angústia, que virá contra o povo que nos ataca.* {3:17} *Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na videira; ainda que a colheita da oliveira decepcione, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas desapareçam do aprisco, e nos currais não haja mais gado,* {3:18} *mesmo assim eu me alegro no SENHOR, e exulto no Deus da minha salvação.*”

3:16 – A expressão “Ouvi isso” significa que Habacuque voltou sua atenção para a questão sobre os caldeus serem o instrumento de punição contra Judá, até que venha a punição contra eles mais adiante. Diante da sentença do Senhor em trazer o exército babilônico contra Judá, o profeta se sentiu mal e descreveu seu sentimento: “o meu íntimo se comoveu; os meus lábios tremeram ao ouvir a sua voz. A podridão entrou nos meus ossos, e os meus joelhos vacilaram”. A razão para isso foi que ele teve que esperar em silêncio, ou seja, sem protestar, sem reclamar, sem nada poder fazer, até que o juízo viesse sobre a nação opressora, a Babilônia – e isso demorou do ponto de vista da época em que ele escreveu o livro.

3:17 – O profeta descreveu uma série de situações bem ruins: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na videira; ainda que a colheita da oliveira decepcione, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas desapareçam do aprisco, e nos currais não haja mais gado”. A palavra “Ainda” no início do texto demonstra que, a seguir, a atitude do profeta será de confiar e se alegrar em Deus (Habacuque 3:18), mesmo que tudo isso sobreviesse sobre o povo de Judá. O profeta julgou que a ocorrência dessas coisas era bem provável de acontecer, uma vez que a nação seria assolada pela Babilônia, mas não deixaria isso abalar sua fé – o justo vive pela sua fé (Habacuque 2:4).

3:18 – Apesar de a decisão do Senhor ter sido trazer o exército babilônico contra seu povo, e apesar de o juízo contra essa nação ímpia demorar em relação à data de redação do livro, Habacuque se alegrou muito no Deus capaz de salvar (Salmo 25:5; 68:19-20; Lucas 1:47), e continuaria se alegrando em Deus mesmo que estivesse entre as muitas situações difíceis descritas no versículo anterior (Habacuque 3:17). É admirável a posição tomada pelo profeta, demonstrando a confiança e alegria em Deus acima de tudo. É importante observar que essa alegria foi fruto de uma decisão consciente, e não de um sentimento.

Habacuque 3:19: “{3:19} *Deus, o SENHOR, é a minha fortaleza. Ele dá aos meus pés a ligeireza das corças, e me faz andar nas minhas alturas. Ao mestre de canto. Para instrumentos de cordas.*”

3:19 – O profeta Habacuque não apenas afirmou e proclamou a fé, ele aprendeu a depender diariamente de Deus mediante uma fé confiante e inabalável (Habacuque 2:4). Aprendeu a confiar nas promessas e na providência divina em relação a todas as circunstâncias da vida. Declarou que, mesmo que o Senhor enviasse sofrimentos e perdas, ainda se regozijaria no seu Deus salvador (Habacuque 3:18). Somente o Senhor é capaz de presentear as pessoas com capacitação e força para que suportem dificuldades, como em uma analogia com pés que pisam com toda a segurança, como ocorre com as corças (2 Samuel 22:34; Salmo 18:33), as quais confiam em todo o seu esforço e equilíbrio em sua musculatura para “andar nas alturas”.

O “*mestre de canto*” era, provavelmente, um maestro dos músicos do templo de Jerusalém. O capítulo 3 pode ter feito parte das orações do templo de Jerusalém que eram recitadas com o acompanhamento de instrumentos musicais de corda, harpa e lira.

Habacuque começou o livro tentando entender o que Deus faz e o terminou sem compreender, totalmente, a justiça e a sabedoria de Deus. No entanto, ele aprendeu o mais importante: a mensagem que sustenta aqueles que confiam no Senhor no meio de angústias. Deus concede a capacitação e a força para suportar as dificuldades. Não é necessário compreender tudo o que Deus faz, mas deve-se saber que é Deus quem faz, e ele é digno de confiança.

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- www.estudosdabiblia.net;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.